

Intervenção de Eliane Martins, integrante da Coordenação nacional do Movimento dos Trabalhadores e Trabalhadoras por Direitos (MTD), na mesa “Direitos e movimentos em tempos de pandemia”



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

A luta popular hoje no Brasil encontra um conjunto de desafios de grande envergadura. Podemos citar vários, mas eu gostaria de destacar nesse momento dois.

Primeiro: nós precisamos, como esquerda, como movimentos populares, movimentos partidários, movimentos sindicais, enfim, que tenham uma visão progressista, uma visão crítica, nós precisamos nos perguntar: o que nós queremos deste nosso país? Que projeto de sociedade, de mundo, de futuro, que nós sonhamos, que nós projetamos pra nós como povo brasileiro, e como parte desse lugar que está sendo recolonizado pela classe dominante?

Sem responder essas questões de fundo, que tem a ver com o tema da estratégia política mais geral, as nossas ações vão ficando muito fragilizadas, e com muita facilidade a luta popular pode descambar para um processo assistencialista, de certo modo conservador porque não altera as estruturas dessa sociedade, e vai mantendo um batimento cardíaco mínimo, a política vai esfriando, o desejo de participação, de integração, de efetivamente fazer parte de um processo cada dia mais frio, e com isso as coisas além de seguirem institucionalizados como já estão, ainda se aprofundam mais, e aí as soluções, as saídas, têm que vir do andar e cima.

E nós todos sabemos o que vem do andar de cima. Vem mais do mesmo, não vem mudanças. Porque para o andar de cima, para a classe dominante, este é o projeto ideal: uma parte do povo vai morrendo, e aí o “custo” do Estado diminui, a previdência diminui, o BPC diminui, e tudo mais. E a classe trabalhadora sobrevivente fica sob tal regime de pressão e opressão que aceita qualquer condição de trabalho. Qualquer. Por uma mera condição de sobrevivência – que não é “mero”, é fundamental.

O drama é que quem vive preso na estrutura da sobrevivência tem poucas condições de fazer a luta maior, a luta política, a luta pelo rumo do país. E é esse o grande desafio que nós temos neste momento: tomar de volta o debate da estratégia de futuro. E o segundo grande desafio – que vem junto obviamente – é o método de construção desse debate: como faremos?

Nós sabemos que sem o povo não tem mudanças estruturais em nenhuma sociedade – a nossa não seria diferente. E a presença do povo – não a mera presença esporádica pra ir lá votar a

cada 2 anos nas urnas. Não! Nós precisamos de uma presença ativa, participativa, viva, atuante, crítica, envolvida. E esta participação requer que nós resgatemos e atualizemos os desafios da educação popular como ferramenta de trazer o povo pro centro da política. Pra que a gente possa efetivamente ter condições a médio prazo de pegar a história do Brasil pelo chifre e mudar o rumo. Sairmos dessa estrada da colonização, da recolonização, para uma estrada que nós leve a um projeto de nação, um projeto de soberania, um projeto de sustentabilidade, um projeto centrado na solidariedade e não no egoísmo.

Isso é fundamental. São desafios fundamentais para que a gente possa dar sequência ao trabalho de organização, formação e luta do nosso povo. Um tripé indissociável.

Submetido em 30/01/2021.

Aprovado em 31/01/2021.